

Um namoro na geração de 70: Batalha Reis-Celeste Cinatti

INTRODUÇÃO

Esta comunicação divide-se em três partes. Esta, introdutória, onde se dá conta da estrutura do trabalho, seus objectivos e limitações. Outra, descritiva, onde se alinham algumas situações de que a correspondência dá testemunho, cozidas entre si por um texto que as articula. Uma última, interpretativa e que tenta problematizar. É esta o fulcro da comunicação.

O levantamento do material foi feito para dar resposta a um conjunto de interrogações. O trabalho que aqui se apresenta não é a resposta encontrada para o plano de investigação, quer porque este extravasa o objectivo do colóquio, quer porque ainda não está concluído. É antes uma primeira abordagem dos pontos que seleccionámos para aqui apresentar.

O namoro em questão é um namoro *sério*. Ou seja, o de um jovem que pretende namorar uma menina séria para com ela casar. Este foi um namoro «sério» consumado, já que efectivamente acabaram por casar. O que ele se propõe não é portanto conquistar uma mulher, mas sim conquistar uma esposa. O jogo das palavras é intencional. Há rituais de namoro diferenciados segundo o papel que se atribuiu à mulher que se desejava. O ritual de sedução das «Lolas» é totalmente diverso do das «mulheres sérias».

Esta diferenciação de papéis corresponde necessariamente a modos diversos de entender a relação homem-mulher. Estas cartas expõem abundantemente um desses universos, o diálogo que sobre ele entre eles se estabeleceu; as posições respectivas, os avanços e recuos, o jogo amoroso. Para ele tudo era claro. Para ela não...

Este namoro desenrola-se num meio burguês. Numa média burguesia «remediada». O seu namoro não pressupõe qualquer conveniência familiar ou social. É, neste aspecto, uma relação entre duas pessoas que aceitaram livremente um jogo de sedução. Essa liberdade não existe em todos os grupos sociais. A situação económica familiar era então, como é sabido, de extrema importância. Um dia em que a família dela sofre um revés financeiro, ela não hesita em declarar-lhe que ele faz por isso um mau casamento.

Atrás, quando nos referimos à distinção entre «sérias» e «Lolas», não ficou explícito o que fica abrangido por este último grupo. Contrapondo-se a «sérias» por serem «fáceis», não incluem, contudo, a prostituição pura e simples. As prostitutas, como as «Lolas», têm, para o homem, como função dar prazer. Todavia, aquelas têm rituais próprios de sedução e um estatuto diverso, que advém da durabilidade e exclusividade da relação que podem estabelecer com um homem. É, portanto, entre estas e as «sérias» que é possível estabelecer uma fronteira entre duas funções de mulher.

Celeste Cinatti e Jaime Batalha Reis terão sido apresentados num baile, pelo Carnaval. Tinham ambos 19 anos. Ele era um mês mais velho. Ela tinha

* Biblioteca Nacional.

uma cara breve, ovalada e cheia. Ele, uma mais esguia, testa larga e cabelos fortemente ondulados. Ela estudara num colégio de freiras inglesas. Ele num alemão e depois no Instituto Geral de Agricultura de Lisboa. Ela era filha do arquitecto José Cinatti e de Maria Rivolta, que morreu de febre-amarela cerca de 1860. Ele, filho de António Nunes dos Reis, proprietário, e de Maria Romana Batalha.

Namoram-se durante seis anos, tantos quantos os que ele demorou a arranjar emprego. Ele esperou com persistência, ela com uma ansiedade que ele tentava iludir:

(...) não, Celeste, porque nós há três anos não termos ainda casado não quer dizer agora que (...) temos que estar outros três anos sem fazer nada, à espera. Eu nesses três anos tenho feito alguma coisa. Eu há três anos era menos, muito menos conhecido do que sou hoje, creio eu. Esta última comissão fez-me conhecido, deu-me já os meios de esperar um lugar que me teria sido dado se não fossem estas interrupções das cortes (...)

Durante três outros anos teve de insistir nesta argumentação, narrando-lhe minuciosamente todas as hipóteses de emprego, os empenhos que movia e os motivos por que falhavam. A 1 de Fevereiro de 1872 é nomeado chefe de serviço agrícola, seguindo-se imediatamente o pedido formal para o casamento, que se realizará a 5 de Setembro. Durante esses anos tiveram um namoro à época, de que resta como testemunho a copiosa correspondência que entre si trocaram e que sua filha Beatriz descreve em 1973:

Os adeptos de cartas de amor acharão aqui um grande amor (que eu posso testemunhar nunca terminou) exacerbado pelos repetidos adiamentos do casamento durante cinco anos, como também pelo conflagramento imposto pelas regras do namoro português do século XIX, em que, até ao pedido formal pela mãe da noiva (que só podia ter lugar quando o dia do casamento estava próximo), os namorados viam-se apenas da janela, da varanda, no Passeio Público, da plateia para o camarote em S. Carlos e nos teatros e nas raras ocasiões de bailes no Club. Este modo de namoro é já curiosidade antiga, como atestam as inúmeras varandas de Lisboa hoje sempre desertas.

Seis anos de desejo e contenção. Preenchidos por códigos intermediários: o dos sinais varanda-rua; o da escrita; o dos olhares. Contactos directos, poucos: alguns passeios escoltados pelas «manas»; alguns serões em casa de amigos comuns; alguns bailes, momentos de um contacto mais íntimo:

(...) o sentir a tua cabeça junto da minha, o sentir os teus cabelos roçarem-me pela cara e ter-te abraçada pela cintura, o apertar uma de tuas mãos. Aqui tens porque é para mim uma felicidade imensa dançar contigo uma valsa.

Situações precárias e de dependência que o mais pequeno incidente punha em causa. Um dia relata-lhe um encontro com uma amiga comum que o informa de infortúnios diversos que implicam que:

nem recebemos como costumávamos nem nada. Mesmo a minha casa vai agora estar muito sem se abrir (...) Vês que infelizes somos! não

temos agora sítio nenhum onde nos encontremos. Quando poderemos ter aquelas conversas tão boas em voz baixa, os dois bem sós no meio de muita gente?

Noutro, após um incidente com a «mana Cleope», não resiste a dizer-lhe, com o orgulho ferido e o desejo resignado:

Tuas manas são excelentes senhoras, mas creio que em toda a tua família reina o maior egoísmo. (...) Peço-te, porém, que francamente me digas, tu que a conheces bem, se há nela o mais pequeno ressentimento a esse respeito, porque eu então limitar-me-ei a ver-te ao longe, e não a afligirei com a minha presença e com as minhas palavras.

Escreveram-se intensamente durante esses longos anos de namoro. Era o *Via Láctea*, criado do Jaime que ganhara a alcunha pelas numerosíssimas marcas de bexigas na cara, que levava e trazia as cartas. Dessa correspondência sobreviveram cerca de seiscentas. A esmagadora maioria são dele. É a sua filha Beatriz que explica porquê:

Minha mãe, pouco antes de morrer, em 1900, insistiu com meu pai para ele destruir as cartas dela do tempo de namoro. Ela estava horrorizada com a acumulação imensa de cartas que meu pai tinha: ela queria poupar aos filhos o trabalho de ler ao menos essas numerosas cartas dela. Este trabalho, meu pai adiou-o na esperança de chegar um dia a ter vagar para reler todas essas cartas. Foi só em 1930 que ele revistou as cartas e queimou a quase totalidade das cartas de minha mãe. Nessa ocasião disse-nos: «Estou relendo as cartas de vossa mãe e sinto-me tão enamorado dela como estava então», e embargou-se-lhe a voz e apareceram-lhe lágrimas nos olhos.

Só queimou as dela e não todas... e declarou noutra ocasião, a sua filha, que não via inconveniente em que se publicassem cartas de amor desde que isso se desse após a morte dos autores. Fernando Pessoa teve a infelicidade de escrever que «todas as cartas de amor são ridículas» e poucos terão resistido a inscrever essa frase como exergo na publicação ou na referência a cartas de amor. Talvez o sejam. Talvez o amor seja uma coisa ridícula... uma intelectualização...

Mas esta volumosa correspondência constituiu-se, aos nossos olhos, numa saborosa documentação onde apetece mexer, independentemente do contributo inovador que possam ou não dar para o estudo da cultura e da mentalidade oitocentista. Jaime Batalha Reis não foi um cidadão anónimo. Foi interveniente activo da geração de 70, orador inscrito nas Conferências do Casino, para falar sobre o socialismo, amigo íntimo de Antero, Junqueiro, Eça, etc. As suas cartas também não são banais cartas de amor. São testemunho histórico, e esta é a parte aqui menos importante, da época, dos projectos e da convivibilidade desses jovens de 70, que estão presentes nos relatos e confidências que ele faz. São sobretudo testemunho de um longo diálogo entre dois caracteres, entre modos diversos de entender conceitos e princípios, entre entendimentos antagónicos do papel do homem e da mulher no amor e no casamento que ao longo dessas cartas se opõem num confronto onde toda a chantagem afectiva é argumento.

As dele são, nos pontos fulcrais, longas, minuciosamente explicativas, paternalistas, repetitivas, não raras vezes dogmáticas. As dela, mais claras,

directas, secantes, propondo rupturas, cedendo a custo, explorando mais abertamente a dependência sentimental, negociando abertamente:

Pois, Sr. Batalha, se o que eu lhe escrevo lhe desagrada, procure quem lhe escreva o que lhe agrade (...) eu não preciso dar explicações às minhas frases (...) fica já sabendo que quero ir todos os domingos e dias santos à missa e que quero comungar todos os domingos dos meses e conta que tenciona fazer isto—, ao contrário, considero-me contrafeita e não quero sacrificar a minha consciência. (...) O confessor pode ser à tua escolha, contanto que não seja jesuíta nem português.

Num colóquio que se propõe reflectir sobre a mulher em Portugal restringirei necessariamente os pontos de abordagem que esta correspondência oferece, tentando sobretudo circunscrever-me à laboriosa imposição, por parte dele, de um modelo de relação homem-mulher, às resistências que encontra por parte dela, às dúvidas que a assaltam, ao jogo amoroso em que se integram.

Omitirei por isso, necessariamente, as referências, sem dúvida interessantes, mas aqui deslocadas, ao convívio e aos projectos desses homens da geração de 70, que ele assiduamente lhe relata. Tal como omitirei o próprio modo de namorar e que oferece saborosíssimos pedaços de prosa. Morar no centro de Lisboa e num terceiro andar tinha, por exemplo, os seus inconvenientes para os jovens namorados:

Olha, eu gostava tanto que tu morasses num sítio qualquer de Lisboa muito deserto, quase sem vizinhança e um pouco mais baixa a tua janela do que agora (...) para nós então conversarmos muito todas as noites (...) Malditas cidades em que há vizinhos, gente que se entretém a rir-se do que há de mais sublime no mundo (...) e que talvez se entretenham nas coisas piores do mundo (...) Que importa que eu te adivinhe apenas na tua varanda debruçada para mim se ao pé de ti tinha o meu pensamento, se eu vejo sempre no meu espírito a tua imagem e se à noite estou sozinho a olhar para o teu retrato e a fazer-lhe declarações do meu amor, se eu sei que, se a inteligência humana pudesse animar um retrato, o teu me serviria com amor como o original está a estas horas sonhando ou pensando em mim!

Quase nunca se referem um ao outro, fisicamente. Não há por isso, aqui, qualquer omissão, mas uma primeira verificação. Sendo escassíssimas as cartas dela, é natural não aparecer qualquer referência. Apenas numa carta dele se encontra resposta a uma crítica que ela lhe dirige sobre o modo mais desleixado como passara a vestir-se. Todavia, descreve-se a si mesma com alguma lucidez. Relatando numa extensa carta o tempo em que ainda estava no colégio, diz-lhe:

Então desejava ser freira, mas já era coquette, meu Jaime; isso sim — e muito —, era muito mais feia do que não sou agora e, digo-te com franqueza, sempre estive persuadida que era feia. Mas não deixava de, às escondidas, vestir um toucado e me ver, para ver como eu ficava se fosse freira, desconsolava-me porque para isso tinha uma cara muito ordinária e muito gorda. Mas eu era muito mais feia do que sou agora. A Cleope, quando eu vim do convento, tinha dito a alguém que eu era muito bonita, e esse alguém disse, a primeira vez que me viu contigo mesmo: então é bonita? Feia como o pecado mortal.

Consciente disso, parece por um momento duvidar de que, perante mulheres mais bonitas, ele se lhe mantenha fiel:

Que me importa a mim com senhoras bonitas ou não bonitas (...) o teu Jaime só ama a tua beleza (...) tens uma carinha tão formosa, tão expressiva e és tão elegante, tão gentil, tão bonita (...)

DESCRIÇÃO

1. V. EX.^a MINHA SENHORA...

Não foram fáceis, ao que parece, os primeiros passos dessa relação encetada num baile de Carnaval, entre máscaras e *confetis*, onde se terão trocado mais olhares que palavras. A olhar o outro que se desejava se limitavam os primeiros passos desses amores. Se correspondidos por outros olhares fugidios, o jogo de insinuação transformava-se num ritual em que ele oferecia a manifestação do seu desejo, passeando abertamente sob as suas janelas, ao mesmo tempo que delimitava um «território» ao tornar-se público que ele abertamente a galanteava. Cada passo desse bem demarcado jogo de sedução tinha o seu significado. Responder a cada um deles era aceitar o envolvimento que implicava:

Depois de ver V. Ex.^a todos os dias nas suas janelas, olhando-me e mudando de lugar quando eu mudava de rua, julguei ofender a V. Ex.^a imaginando que me não teria afeição. Faria e faço bastante justiça ao carácter e seriedade de V. Ex.^a para não supor que tudo isto fizesse para uma pessoa com quem não simpatizasse muito.

As primeiras cartas são de uma quase solenidade:

Minha Senhora: Permita-me V. Ex.^a que primeiro lhe peça desculpa de lhe escrever esta carta, que encerra muitas esperanças, mas que, antes de tudo, foi escrita com o imenso respeito que V. Ex.^a me merece.

As respostas não vêm com a mesma fluência e o candidato é mantido sem piedade num estado de desejo contido pela incerteza, onde ela desempenha um papel tirânico:

Nos poucos e rápidos momentos em que ontem falei com V. Ex.^a não pude pedir-lhe uma resposta verbal das cartas que lhe tinha escrito. Assustava-me, todas as vezes que me dispunha a fazê-lo, o imaginar que V. Ex.^a, como sempre costuma, daria com o espírito uma resposta que eu só queria dada pelo coração. Temo provocar uma daquelas frases irónicas e glaciares que tanto mal me fazem e que V. Ex.^a prodigaliza sem piedade (...)

O jogo arrasta-se, provocando com o olhar, oferecendo-se para lá da vidraça da janela do 3.º andar do Largo do Quintela, mas sempre arisca no contacto directo, retardando um compromisso que só a passagem do V. Ex.^a a você torna mais evidente e só o tu parece dar a segurança definitiva. Até lá, a insistência ansiosa:

Porque não há-de V. Ex.^a acreditar pois nas minhas palavras? Porque não há-de acreditar num amor que é para mim hoje a mais santa religião da Terra?

a declaração romântica:

Darei o meu coração a quem de direito ele pertence, ainda que não receba outro em troca (...) é a primeira vez que digo a uma Senhora que a amo porque é a primeira vez que o sinto — não queira V. Ex.^a matar-me a Alma agora que ela começava a nascer para a felicidade.

Não há nestas primeiras cartas qualquer reivindicação de posse, como depois serão frequentes, nem qualquer tentativa de imposição de pontos de vista... por ora só declarações....

Para mim nunca sol de Primavera iluminou com mais esplendores um dia e um céu do que hoje o tem feito a vista de V. Ex.^a (...) se o amor de V. Ex.^a me animar, sinto que poderei vir a ser alguma coisa neste mundo em que o trabalho tudo vence. É a felicidade que lhe peço, é a certeza de que, enquanto eu me afadigo, alguém pede a Deus pelo meu nome, alguém abençoa o trabalho com que eu pretendo ganhar por minhas mãos uma posição na sociedade.

2. A PRESENÇA DA MÃE

Celeste Cinatti usou no Verão de 1868 um leque de teca no qual Jaime B. R. lhe escreve sucessivas frases onde por diversos modos lhe declara o seu amor. Uma delas é uma dissertação longa e pretenciosa sobre a música:

A música era a minha antiga paixão. Pois, desde que te amo, gosto mais que dantes das melodias que sempre me impressionaram tanto. (...) Assim, quando alguma hoje me transporta ao passado, gosto de que essa viagem ao que fui seja feita com a tua recordação (...) Sabes desses tempos, sobretudo dos primeiros, as imagens que mais tenho no espírito são as da minha mãe e da minha irmã. Ora eu sinto-me muito feliz em unir a tua recordação à lembrança destes dois espíritos de mulheres que foram a verdadeira afeição da minha infância.

A mãe de Celeste Cinatti morrera seis anos antes de se terem conhecido. Todavia, na vareta seguinte do leque é a vez de a mãe dela manifestar a sua presença: «*mandaste-me um bilhete da tua mamã amiguinha.*» Caberá perguntar por que recôndito motivo ela lhe envia um bilhete escrito pela mãe já morta. Mas ele escreve sem hesitação:

Como eu gosto que aos nossos amores ande ligada a santa recordação da tua mamã, minha Celeste. Parece que isso mais os santifica. Esse bilhete, assim mandado por ti numa carta em que me dizias que me amavas, em que me chamavas teu noivo, vem consagrar a nossa afeição, parece que é a tua mamã própria que nos une as mãos e que nos faz esposos e que sente que é isso a felicidade da sua Celeste. Aquele bilhete que eu beijei como tenho beijado a mão de minha mãe é para mim uma bênção que nos une, minha Celeste, que te une ao teu Jaime.

O papel e a imagem da mãe são uma constante em todos esses anos de namoro. Mesmo as idealizações da futura vida de casados têm frequentemente associada a sua presença. Ele envia-lhe o retrato da sua (*«tem uma cara muito simpática, pois não?»*), talvez como retribuição do bilhete que ela lhe enviara, e declara-lhe mesmo abertamente que espera que ela cumpra, quando casados, a função que, enquanto solteiro, sua mãe cumpre:

Veio-me minha mãe trazer o chá e umas torradas, que comi porque ainda nada tinha comido. Sabes? Pensei quando formos casados (...) tendo assim chegado de longe ou nalgum dia de Inverno que eu tenha estado fora de Lisboa a andar à chuva, e chegando a casa, como eu serei feliz de ver a Celeste ter com o Jaime todos estes cuidados que agora tem minha mãe.

Ela, por seu lado, envia-lhe por vezes, juntamente com as cartas que lhe dirige, outras para a futura sogra, que acorrerá do Turcifal a Lisboa, mal o filho arranjar emprego, a propor o casamento ao «papá» Cinatti. A família desempenha um papel importantíssimo. É o envolvimento das famílias no namoro que parece conferir-lhe o aval de boas intenções. É a consumação do amor na constituição de uma família o que se deseja. Ele sabe-o e formula-o claramente numa das suas longas definições de amor em que conclui: *«O amor é uma divindade que tem por templo a família que ele consagra.»* Ela, porém, descobre que ele ainda não tinha comunicado à família que a namorava. É impossível saber quanto tempo depois de se conhecerem ela o vem a saber, porque a carta em que ele lhe responde não vem, como a maioria, datada. Declara-se humilhada e deve-lhe ter escrito uma carta contundente, como era seu hábito quando queria marcar uma posição:

Eu não oculte ainda coisa alguma a meus pais, mas não lhas digo, como quase lhes não digo «coisa nenhuma» a não ser banalidades. Aqui está porque eu lhes não falei ainda de ti. E se compreendes a diferença que há entre isto e esconder e fazer mistério e o ocultar estimorei imenso. Enquanto a dizeres que eu te «humilhei» com este procedimento, é acusação a que não tenho que responder. Estás doente e eu já te disse que podes dizer-me tudo, que me não queixarei (...)

Este argumento final é um dos preferidos por Jaime B. R., para evitar ou iludir pontos mais sensíveis. Ela, aliás, dada a múltiplos achaques, fornecia-lhe copiosas oportunidades para, sob o pretexto de a não enervar, iludir as questões ou, invocando o mesmo argumento, iludir-se a si sobre a verdadeira importância do que ela lhe dizia.

A presença do pai manifesta-se na correspondência de modo diverso. Vem associado sempre, quer quando referido por ele, quer quando referido por ela, a questões de natureza prática. Ele refere-o nas sucessivas tentativas de procura de emprego. Ela refere-se ao seu quando passam um período de dificuldades económicas. É a mãe a figura hegemónica e é sobretudo ele que a refere, associada ao papel da mulher no casamento. O amor aparece sempre associado à família, que o legitima e «santifica». À família, aos filhos, dúvida que por um momento assalta o espírito dela e que ele se apressa a desfazer, e à respeitabilidade da mulher. E a relação

afectiva homem-mulher é, em parte pela contenção de linguagem imposta pelas normas de conduta, associada a uma afetividade mãe-filho.

A educação num colégio de freiras, a manifestação, quando ainda o frequentava, das primeiras pulsões amorosas, a prática católica e a subsistência de algumas dúvidas quanto à sua vocação para freira exaltam nele frequentemente a associação da família a um estado de «santidade» das relações homem-mulher. Três anos depois de se conhecerem, ela confienciava-lhe as dúvidas da sua juventude:

Eu pensava o que haveria de bom em se sair do convento para entrar para este mundo de pecados, quando lá se era tão feliz; quando tínhamos a amizade das nossas irmãs em Jesus Cristo e das nossas discípulas e colegas e companheiras; quando tínhamos uma cerca com tantas rosas e tantas laranjeiras e violetas, e o rio de que podíamos, ao seu lado, gozar de noite sós nas nossas celas?

As dúvidas não se desvaneceram com a saída do colégio e ele sente-se por vezes obrigado a extensas argumentações:

Eu disse que nos conventos se desviavam as pessoas da família para ficarem lá para abandonarem o mundo para fugirem ao pecado. Mas conheces tu família mais santa que a de um pai e de uma mãe? Destroem os conventos a família? Mas destruir a família é destruir a coisa mais santa que há no mundo. Pensa em tua mãe, minha Celeste, pensa em tua mãe e diz-me qual te parece mais santo, se tua mãe sendo freira, se tua mãe fazendo a felicidade de teu pai (...) Pensa no teu Jaime, Celeste, e diz-me como te acharias mais santa, se num convento, se na nossa casinha sendo a alma e inspiração do meu trabalho (...) que responsabilidade há para quem a induzir a enclausurar-se se alguma vez os seus vinte anos a fizeram amar algum homem (...) e as portas fechadas do convento e os votos pronunciados gritando-lhe aos ouvidos — «impossível» (...) Minha Celeste, pois tu podes não achar as mais santas criaturas tua mãe, minha mãe, a mulher, enfim, que é a felicidade de seu marido, que o alenta ao seu trabalho, que produz para a sociedade?

É no colégio que Celeste descobre também o «amor». E a manifestação desses primeiros sentimentos, necessariamente associados a outras mulheres, levanta-lhe agora perturbações quanto ao modo de identificar o amor. Perturba-a, agora que o conheceu, o não lhe ser clara a diferença entre o que então sentiu e o que agora sente. Como uma menina bem aplicada, pede-lhe literatura que a possa elucidar. «Para que te hei-de eu indicar um livro que trate bem do amor?», responde-lhe ele, sempre pouco atreito a que ela se dedique a qualquer tipo de estudo. Numa outra carta diz-lhe claramente:

As senhoras não podem discutir certos assuntos porque não têm nem devem ter o espírito preparado para isso com o estudo que só um homem empreende.

Nega-lhe por isso o livro:

O que os romancistas dizem são às vezes artifícios sem verdade nem fundamento, outras vezes descrições de momentos excepcionais (...)

E incita-a a descobrir através do amor que sente por ele a diferença:

Escuta bem o que sentes quando pensas em mim, quando me vês, quando me falas, quando estás comigo, pois que me amas. Ai tens para ti o amor. (...) Não parou tudo que em ti actuava quando me conheceste bem? (...) A alma tem uma grande necessidade de amar, nas naturezas como as nossas, quentes, nervosas, arrebatadas, ama-se vagamente, ama-se ao acaso até se encontrar o amor definitivo. Nem se ama até aí. (...) tudo o mais foram prelúdios, aspirações a ele (...) foi assim que tu sentiste esse prelúdio de amor pela freira. Depois o amor vai-se definindo e tomando o seu aspecto natural. Tu decerto nunca amaste nem a freira nem a Esterinha como me amas a mim. Nem amas a Esterinha Abecassis como amaste a freira. Decerto não tens ciúmes que ela beije alguém, nem tinhas se ela amanhã casasse. É que esses instintos do amor vão desaparecendo para tomar o da forma natural e completa: o amor da mulher pelo homem. (...) Estuda-te bem e verás.

3. «DEVES CEGAMENTE DEIXAR-TE CONDUZIR PELO TEU JAIME»

O princípio geral que ele queria que ela aceitasse era este:

Uma senhora confia-se plenamente a seu marido e diz consigo: ele que tem estas opiniões, é que são estas as boas.

Não existem, infelizmente, as cartas em que ela terá respondido aos sucessivos incitamentos à disciplina. Mas, pelas respostas que ele lhe dá e nas duas únicas cartas que dela existem sobre este ponto fulcral do entendimento homem-mulher, é possível reconstituir o diálogo e as posições.

A incompatibilidade de vontades foi problema que arrastaram durante todo o namoro e que ela expunha de forma muito mais clara e frontal do que ele, que preferia recorrer ou ao queixume ou a minuciosas contra-argumentações:

A tua carta teve coisas que são fáceis de dizer, mas muito difíceis de esquecer. Entre outras, dizes que é sina tua fazeres-me a mim infeliz se fizeres a tua vontade e, se fizeres a minha vontade, que, segundo tu dizes, é sempre contrária à tua, tens de ser infeliz.

Ela está sempre pouco disposta a contemporizar: «(...) seguramente não nos entendemos e é melhor acabar com isto», pressiona-o nas sucessivas rupturas que lhe propõe, força-o a contemporizações, mas ele persiste sempre. Nunca propõe rupturas por estes motivos, mas apenas por questões de ciúmes. Esta questão transforma-se num jogo de posições claramente assumidas, que vão sofrendo subtis desvios de que resulta: pela parte dele, a imposição dos seus pontos de vista, mas com as concessões necessárias ao reconhecimento do «génio» dela e ao temor de uma ruptura definitiva; pela parte dela, ao não aceite imediato do que sabe ser uma inevitabilidade, mas a uma aceitação deslizante, marcando abertamente a liderança de um processo afectivo com o qual joga francamente:

É tão natural a mulher que se sente feliz porque ouviu aquele que ama dizer «quero», é tão natural que esta se confie aos cuidados, ao amor, à direcção do que escolheu para companhia de toda a sua vida.

É tão feliz decerto para ti, que me amas, o pensares que o teu Jaime é o guia natural que tens na vida, que através desse mundo que tu conheces menos do que eu deves cegamente deixar-te conduzir pelo teu Jaime (...) todas as vezes que ele te disser «minha Celeste, você não discute isto, confia no Jaime e sabe que o que ele disser é que é justo e bom (...)\», e quando esse homem lhe disser: «minha amiga, minha esposa, tu não deves discutir isto, tu nem deves pensar nisto», ela confia plenamente no seu marido.

Há-de ser agora, que já tenho 21 anos, que hei-de domar o meu génio, só porque ele desagrada ao Sr. Batalha. Que crime, meu Deus!, as mulheres só terem direito a ser farnéis de palha. Mas eu, como não me sujeito às leis a que as demais mulheres curvam a cabeça, hei-de sempre dizer e fazer o que quero. Demais, já me tenho humilhado. Quem me julga tirana que não se importe comigo. Ponha-se um termo a isto (...) os nossos génios são perfeitamente diferentes e eu, pelo meu génio, já tenho sofrido muito. V. Ex.^{as} julgam-se superiores a nós? Têm razão, mas é por isso mesmo que devem ter a generosidade de nos deixar dizer e pensar o que quisermos — e não é muito —, pois há-de também a minha alma ser escrava! Déspotas!, que, em vez de nos estimarem como merecemos, se revoltam por uma palavra que proferimos, não teremos a liberdade do que dizemos!?

Tu nunca percebes o que eu quero dizer. Sabes porque é? É porque tu, tendo já uma ideia na cabeça, não queres saber de mais nada e não lês com atenção coisa nenhuma que te contradiga.

Seguramente não nos entendemos e é melhor acabar com isto. Eu não gosto de ouvir umas tantas coisas (...) Hei-de sacrificar o meu modo de pensar, tenho raiva a mim mesma e deveres (...) pois, Sr. Batalha, se o que eu escrevo lhe desagrada, procure quem lhe escreva o que lhe agrada (...) eu não preciso dar explicações às minhas frases. O que quero escrever é o que escrevo e o que escrevo é o que penso, não há nada mais claro (...) Eu nunca me arrependo, nem do que faço (...)

As imposições que ele lhe fazia têm como pressuposto que é ao homem que compete a direcção da mulher. E essa direcção, ele deve exercê-la porque é seu dever. Uma obrigação, pois, que se cumpre quando se ama respeitosamente, isto é, quando se respeita a mulher que se ama. Não o fazer seria, aos seus olhos, desrespeitá-la. Aliás, para ele é claro que esse papel deve ser apenas um prolongamento da missão educativa, que até então competiu ao pai ou irmãos. Um dos pontos sobre o qual travam autênticas batalhas epistolares é o da liberdade de leitura. Ele sente-se no direito e na obrigação de lhe apontar livros que ela não deve ler. De lhe exigir que se comprometa a não ler os livros que não acha aconselháveis. A propor-lhe alternativas de leituras, que se apressa a comprar e enviar, provavelmente pelo criado *Via Láctea*. Ela revolta-se. Ele sente-se pouco seguro de que ela aceite a imposição. Cede por vezes. Promete ir reler para ver se efectivamente são dignos do *nihil obstat*:

A mim, às vezes, zanga-me que tu não queiras perceber coisas tão claras como, por exemplo, haver um livro que eu não quero que tu leias

porque não deves, mesmo porque eu amando-te e respeitando-te, to devo dizer como to deveria dizer teu irmão ou teu pai.

Ela reage. Pergunta-lhe abertamente se o que ele teme é ela poder vir a fazer o que lesse nesses livros, joga com a suspeita da sua seriedade. Ele recua, altera por momentos a argumentação:

Eu não quero que tu leias certos livros, mas não é porque tenha medo que tu faças as coisas más e feias que vêm nesses livros (...) eu não quero que tu leias certos livros como não quereria que tu ouvisses conversas grosseiras e inconvenientes. Só por uma questão de delicadeza de sentimento.

Mas volta a insistir sempre na mesma argumentação:

O que faço que te contrarie é porque não tenho outro remédio, é porque devo fazê-lo para ser um homem de bem.

Lélia, de George Sand, e *Peau de Chagrin* são dois dos livros que ele abertamente a proíbe de ler:

*É um livro (refere-se a *Peau*) que eu li há muito tempo, mas julgo saber que há lá umas partes que uma senhora não deve ler.*

Mas a atitude dela não se mantém sempre coerente. Ou por necessidade do jogo amoroso, ou por receio de que a sua insistência acabasse por provocar uma suspeita da parte dele quanto à sua seriedade, aceita por vezes a imposição, ainda que invertendo os termos, transformando-a num pedido dela para que lho proíba:

Não mo deixes ler, se é feio, eu ficava depois com pena de mo teres deixado ler.

E é ele que invoca numa carta sua este pedido que ela lhe fizera para a impedir de ler *Lélia*:

A Lélia é um dos primeiros romances da George Sand. Nenhuma senhora deve ler este livro (...) tu não ficas triste por eu to não deixar ler, não? Tu sabes bem que eu te amo, mas que te amo muito (...)

A direcção de leituras é apenas parte de uma efectiva direcção que ele quer assumir na vida dela. Para tal, insiste em sucessivas cartas para que ela aceite que ele cumpra um papel em tudo semelhante ao do confessor:

Celeste, diz ao teu Jaime toda a tua vida e todos os teus pensamentos.

A correspondência que sobreviveu permite afirmar que efectivamente assim aconteceu e que ela lhe terá confiado o seu passado, os seus pensamentos e desejos.

Ela tem por vezes consciência plena da influência que por esse modo ele passa a exercer. Das pressões a que fica mais facilmente sujeita e terá tentado por vezes iludir-se a essa dependência confessional:

O que eu nunca mais farei é falar-te em muita coisa que fazia até aqui tanta felicidade para mim. Sabe Deus que mal seria para mim concordar, basta já o que basta.

«Mas que é isto? Basta o quê?», respondeu-lhe ele entre o agastado e o perplexo uma carta que então já se arrastava há várias páginas. E logo noutra volta, a insistir:

Tu és condescendente com o teu Jaime, minha Celeste, não é verdade? És amiguinha dele e falas-lhe sempre a verdade e dizes-lhe sempre tudo que pensas e tudo que fazes. Pois não é tirar-me uma parte do teu espírito o não me dizeres os livros que lêes, as ideias que esse espírito todos os dias recebe? (...) não me negues esse prazer, Celeste, diz ao teu Jaime toda a tua vida e todos os teus pensamentos.

4. QUANDO CASADOS

Durante os seis anos de namoro, a sua relação teve de obedecer aos estritos padrões aceites na época para os amores «sérios». Por isso, tudo o que um ao outro se desejavam esteve necessariamente contido num padrão. Mas, se o desejo de posse não se efectivou se não no casamento, não deixou por isso de se manifestar. As poucas cartas dela contêm raríssimas expressões desse desejo de consumir a posse do outro. E mesmo o possessivo «meu» quase nunca é utilizado. Nunca há, nem nele nem nela, referências directas à posse física do outro, ao desejo de posse entenda-se, mas sim à manifestação de desejos de situações de proximidade física ou que envolvam, pelo estatuto que implicam, a garantia da posse. É o caso da idealização de cenas domésticas, quando forem casados, ou situações de passeio:

Está uma noite lindíssima. Era agora que nós deveríamos estar a passear ao luar ou deitados num campo, num jardim, muito abafados, muito abafados, porque, deixemo-nos de ilusões, para os que amam também há frio (escreve-lhe ela, que, aliás, como se vê, não deixava de ter um sentido pragmático das situações «românticas», ao contrário dele).

Mas as referências preferidas por ele são as de situação de casados. Mas, mesmo aí, o que conta é que a situação subentende a posse. No último aniversário dela que passam como namorados, ele escreve-lhe contando-lhe o que faria se fossem casados:

Olha, Celeste, queria eu estar já na nossa casa para que a esta hora muito cedo eu tivesse feito a minha toilette para te ir cumprimentar tão contente e tão feliz.

As descrições são todas elas vitorianas. Um dia projecta levar para a futura casa um grande fogão de sala que pertencera à de seus pais. É motivo para lhe descrever o que serão esses serões à lareira:

Nós ali sentados ao pé, com a mesa de trabalho ao lado, a falarmos, a planearmos futuros, a lermos, eu a trabalhar, a ouvir-te, a levantar-me para me ajoelhar ao pé de ti, para passar os meus braços em volta da tua

cintura. Tu alizas com as tuas mãos os meus cabelos e mos tiras da testa, enquanto tu me contas tudo o que tens passado.

Esta descrição repete-a várias vezes. É a ela que recorre sempre que se quer referir ao que lhe custa não estar naquele momento com ela e como será feliz quando puder estar sempre a seu lado. Os pormenores variam de carta para carta. Mas o que é sempre constante é a posição em que ele os imagina. Ela sempre sentada. Ele sempre a seus pés, ajoelhado. Ela sempre a acariciar-lhe os cabelos ou os olhos.

As suas cartas estão repletas de possessivos que repete de uma forma obsessiva. Mesmo as formas de tratamento que adopta diferem em significado e variedade. Ela trata-o por *Jaime* ou *meu Jaime*, e, se mais houve, não sobreviveu à queima, mas é pouco provável que tenha adoptado outras mais. Ele, pelo contrário, usou pelo menos onze formas diferentes de tratamento. Misturava-as, sequenciava-as. E nas cartas mais declaradamente «ridículas» repetia-as linha sim, linha não. Tratou-a obviamente por *minha Celeste* (e muito menos vezes só por *Celeste*) e por *minha esposa*, *minha felicidade*, *minha mulher*, *minha amante*, *minha boa e santa amiguinha*, *minha noiva*, *minha filhinha*, *minha amiguinha*, *minha Celeste esposinha*, *santa mulherzinha*, *minha menina*, *minha rica filhinha*, *meu anjinho*.

Mas, se estas expressões que grafizam o desejo de a possuir e que vêm a par da manifestação da sua entrega («*sou o teu Jaime*»), ou do desejo, repetidamente manifestado, de a ter, no momento em que lhe escreve, junto a ele, se repetem sucessivamente, mantêm-se também sempre dentro de um estrito quadro simbólico. Explícitas serão as referências à vontade de a beijar. E estas explicitadas sempre que lhe escreve a dizer as vezes sem conta que beijou o seu retrato.

Um dia confessa-lhe:

Olha, sabes qual era agora o meu maior desejo? Era poder entrar no teu quarto (...)

Mas essa alusão a essa extrema privacidade é imediatamente contida por aquilo que um «*homem de bem*» deve poder desejar daquela que se quer para mulher. Desejo e limite retórico que talvez estejam contidos numa associação que lhe era cara: «*minha amante, minha santa.*» E a frase afinal termina assim:

(...) e ir ajoelhar-me ao pé da tua cama, muito quieto, e ficar assim imóvel, sem fazer o menor movimento, a ver-te dormir muito sossegadinha. Queria estar assim de joelhos a velar pelo teu sono, a ver o rosto, tão sossegado e tão sereno, da minha noiva e a vê-la dormir quando sonhasse com o seu Jaime.

O mesmo se passa, aliás, com os sonhos que lhe conta ter tido. Ainda que o que aqui seja importante para marcar o limite do dizível seja o momento em que o sonho é interrompido pelo acordar. Um dia conta-lhe um longo sonho que envolvia uma herança vinda do Brasil (situação típica na época) e um chalé na outra banda, um chalé suíço, para onde a levaria no dia do casamento. A descrição envolve uma narração do dia do casamento, a confissão indirecta de ciúmes do cunhado e, por fim, a descrição romântica do tejo em noite estrelada de luar:

(...) e tu ias sentada ao pé do teu Jaime, muito chegadoinha a ele, encostando a cabeça ao meu ombro, e eu ia a contar-te como tantas vezes sonhava estar assim ao pé de ti, sentir a tua cabeça reclinada junto da minha, sentir os teus cabelos junto da minha cara, e beijava os teus cabelos (os beijos que refere são-no sempre e só nos cabelos ou nas mãos), doido de amor e de felicidade, e chamava-te muitas vezes minha Celeste (...) e nisto acordei.

A consumação do casamento não era, aliás, uma ideia pacífica para ela. E o temor dessa noite de núpcias a haver leva-a a propor-lhe um *statu quo* para esse dia que lhe provoca uma carta acalorada e esclarecedora do papel do casamento. Que esse é o papel que o casamento tinha não é novidade. Mas a aceitação integral desse papel, como, aliás, a de todos os princípios e conceitos-padrão da época, por parte de um homem que pertence à geração que fez, como lhe dirá mais tarde Bernardino Machado, «a campanha do espírito», e no preciso momento em que a estava a fazer, é que é interessante sublinhar. É, aliás, parte da abordagem das cartas que aqui não está contida.

A proposta dela é que cada um passe a noite de núpcias em sua casa. «Cada um para sua casa!», respondeu-lhe ele. «Esta frase é espantosa!» E tenta explicar-lhe porque se recusará a aceitar tal situação:

(...) mesmo eu, depois de vir da igreja, depois de ter o direito de te chamar minha mulher diante do mundo inteiro, depois de sermos deveras, e à face da sociedade, um do outro, depois de sermos absolutamente senhores da nossa vontade, havemos, segundo o teu plano, de ir cada um para sua casa, à meia-noite, depois de nos despedir-mos como dois estranhos. Mas cada um para sua casa!!! Esta frase é espantosa! Cada um para sua casa! Mas a minha casa é tua desde esse momento e, ou a casa do teu pai não é tua ou, se o é, é-o também minha, porque, desde esse momento, perante a sociedade, como desde já perante as nossas almas, tudo que é teu é meu e tudo o que é meu é teu.

A concepção que ele tem do casamento não encerra novidade, a não ser o modo como adjectiva as descrições que lhe faz. Confessa numa carta ter sido

fanático cristão e católico exagerado; quando era mais novo, andava a bater no peito e a rezar pelas casas e pelos cantos.

Por isso, por falta de outro recurso retórico que traduzisse o modelo, por a saber católica praticante, quando quer conferir seriedade, respeitabilidade ou solenidade, recorre a significantes religiosos. E fá-lo sistematicamente durante os anos de namoro.

O papel do homem e da mulher no casamento define-o ele deste modo:

Eu penso que não há nada mais santo, mais sublime, mais divino do que uma casa em que a mulher passe o dia a cuidar dos meios de tornar a sua morada mais feliz, em amar os seus filhos, em pensar no seu esposo, que durante esse tempo trabalha pensando na sua esposa e nos anjos que tem em casa, pensando que se está afadigando para eles, para os fazer homens que sejam esteio, que está trabalhando para que (...) ela não tenha de trabalhar muito. E ela, à tarde, quando os filhos

que embalou com o seu amor dormem, quando o marido a olha como quem contempla ao mesmo tempo uma amante e uma santa (...) pode julgar-se a primeira mulher do mundo, a mais santa, a mais respeitável, a mais admirável por todos os respeitos.

5. «E NÃO VOLTES NUNCA A CABEÇA PARA OLHAR PARA NENHUM HOMEM»

Se ele lhe fez extensas e assíduas declarações de amor, não lhe fez menos nem menores declarações de ciúme. Se naquelas é exaltado, nestas é meticoloso e as cartas contêm, por isso, um repertório de tudo o que se deve ter ciúme. Este era proporcional e legitimado, segundo ele, pela dimensão do seu amor, pelo seu dever, pois que a amava, e pelo amor que ela lhe confessava.

No leque que referi escreve-lhe ele, já em 1869, uma das mais expressivas declarações do seu amor:

Eu tenho inveja e ciúme dos que tu admiras e dos que te impressionam, minha Celeste. Quisera ser o autor do livro de que tu gostas, o compositor da música que te comove, o actor que te entusiasma, queria que todos os teus olhares fossem para mim, que o meu amor te pudesse fazer orgulhosa e que eu fizesse uma obra notável entre as da humanidade para ta oferecer e para te dizer que o teu amor me inspirava.

Dela não aparecem vestígios de ciúme e mesmo as referências a um antigo amor que ele terá tido antes de se conhecerem são provocadas por cartas dele. Ambos tiveram um outro amor. O dele, ao que parece, mais platónico. O dela não, e isso dá-lhe origem a abundante prosa. E, talvez por isso, ela tem pouca razão para ter ciúme. Mesmo assim escreve-lhe um dia:

Se nós pudéssemos apagar terem existido aqueles dois. Paciência, perdoemo-nos um ao outro, foram duas infidelidades, tu tens mais que perdoar a mim.

Mas um dia confessa-lhe ter sentido saudades, coisa que o desespera:

O que (...) me custou foi ver que tu tinhas pena de não poderes apagar essa lembrança. Pois não a tens bem apagada no teu espírito, pois ainda ela lá tem alguma influência? Minha Celeste, diz, diz ao teu Jaime, ao teu amante, que não tens saudades nenhuma do passado. (...) Diz-me que és completa e absolutamente minha.

O seu ciúme por esse ex-namorado dela chega a ser obsessivo e ocupa-lhe várias cartas. Ela confessa-lhe pacificamente a memória que guarda, ele torna-se patético: «Quando te vi dizeres que tinham beijado a tua mão, comecei a chorar como um doido (...)», insiste, até exultar com a frase que queria ler:

(...) o que tu dizes é de uma alma sublime e o teres pena de teres amado outro é de um espírito digníssimo, elevadíssimo, de uma nobre e santa senhora (...)

Recusou-se, por isso, durante muito tempo a dar-lhe o caracol de cabelo que ela lhe pedia e, quando finalmente acedeu, explica:

Fazia-me tanto ciúme, tanto desespero, ver que já tivesses cabelos de outro!

Para ele era claro que ela só o devia amar a ele. Que tudo o que anteriormente ela tinha sentido não era amor, mas uma inclinação «para o amor, porque, o teu espírito procurava amor». Para ela, não era claro não só que não tivesse sido amor o que já sentira por outras pessoas, mas também que só se pudesse amar uma:

O que eu não posso compreender (não me canso de o repetir) é que se amem duas pessoas ao mesmo tempo, (responde-lhe ele), (...) é que o amor é um egoísmo para todos, é uma dedicação para um (...)

E remata noutra carta:

E não me tornes a dizer que compreendes amar duas pessoas ao mesmo tempo.

Conhecedor dos códigos de namoro, ele mantém-se vigilante aos mais pequenos sinais que possa encontrar noutros ou nela de um galanteio. Lisboa era uma cidade profundamente indiscreta. A burguesia em que este namoro se desenrola tinha um espaço de vivência urbana muito restrito. Encontravam-se nos mesmos sítios e conheciam-se todos melhor ou pior uns aos outros. Se isso os incomodava na sua relação de namoro, trazia para ele algumas vantagens. Uma parte do ritual de namoro limitava-se ao olhar a coisa amada. Assim começava e assim se mantinha por muito tempo, mesmo depois de correspondido. Verem-se duma álea para a outra do passeio público era uma das situações típicas. Mas a distância permitia-lhe vê-la, ver quem a via com insistência e ver quem ela via com insistência:

Não posso dizer-te o que isto tudo me afligiu, não só porque efectivamente te tinha visto olhar para ele, mas porque ele ficou persuadido de que tu o quiseras namorar. Vê que desgosto e que humilhação para mim (...) Todos têm e devem ter seu amor-próprio; para o meu assevero-te que esta é a maior humilhação. Diz-me, Celeste, se me amas. E não voltes nunca a cabeça para olhar para trás para nenhum homem.

ABORDAGEM PRELIMINAR

Um dia, Jaime e Celeste foram dar um passeio a uma quinta para os lados de Chelas. Numa carta, ele recorda-lhe esse passeio e o regresso que os dois fizeram de braço dado até Lisboa. Já então se namoravam há anos. No texto não há qualquer referência a acompanhantes. O episódio é mesmo referido como um momento paradigmático que ele invoca para expressar a sua vontade de estar com ela.

Pode-se pois perguntar se se terão beijado. O texto desta carta entra na regra dos demais e apenas refere o prazer de terem vindo a conversar um com o outro de braço dado até à cidade. O recurso à invocação desse momento contém a manifestação do desejo de o poderem repetir com tudo o que ele terá contado. A não alusão explícita à maior intimidade física então possível pode ficar a dever-se a três factores:

- 1) Código discursivo; admitindo-se neste caso que ele a terá beijado com a mesma intensidade e insistência com que frequentemente lhe disse beijar o seu retrato, e, a ser assim, neste como noutros casos, eles terão sentido, manifestado e objectivado uma vontade de contacto físico;
- 2) Pau de cabeloira; o que apenas permitiria que estivessem durante mais tempo e rodeados de menos gente, neste caso apenas rodeados de «cúmplices», conversando de braço dado um com o outro, quer tivessem quer não vontade de se beijar;
- 3) Nada; isto é, não se terão beijado porque não se deviam beijar, mas sim passear, por o homem não dever manifestar a uma menina «séria» esse tipo de desejos.

Assim, a situação «ideal» por ele invocada, e aqui citada como exemplo, corresponderá literalmente ao estrito modelo do namoro sério. Logo, o texto das cartas é um texto literal, e não um código de desejos. Nem a incontinência discursiva de desejos contidos e que aguardavam o casamento para se consumarem.

Parece possível afirmar que essas cartas são o relato fiel de um ritual de relação homem-mulher que corresponde à função mulher-esposa. A mulher era necessariamente séria. O objectivo da relação séria: o casamento, a família, os filhos.

A distinção entre a seriedade e as «mulheres fáceis» reside objectivamente no prazer. O mundo das «Lolas» é aquele em que o homem, cumprindo determinados rituais de aliciamento, totalmente distintos dos do namoro, estabelece uma relação com uma mulher para dela usufruir prazer. Quer quando solteiros, quer quando casados, porque o universo das «sérias» não é coincidente com o do prazer. Esta cumpre uma função social e reprodutora, é a mulher que se respeita, a mãe. A Igreja teorizou essa negação do prazer à mulher. É este o princípio que ainda hoje está por detrás da recusa da contracepção. A função estrita da relação sexual homem-mulher é a da reprodução. É a de mulher-mãe.

O homem celebra, por isso, rituais diferenciados de chamamento (a «Lola» obriga, p. ex., a um ritual de primeiras filas ou camarins; a «séria», p. ex., a um de varanda ou passeio público). Manifesta sensibilidades diferentes perante os dois universos e procura funções diversas.

O uso sistemático, nessas cartas, das associações: amante-santa, casamento-santidade, Celeste-seriedade, o modo como ele a tratava e a descrição de cenas de intimidade de namoro ou de idealização de intimidade no casamento têm de ter uma leitura literal. O abuso dos possessivos marca uma posse desejada que o casamento consuma, mas uma posse contratual que corresponde a essa precisa função de mulher. Os sonhos que lhe descreve não terminam, por isso, onde terminam por pudor ou jogo de insinuação, mas porque é aquilo que ele lhe deve dizer sonhar sobre ela e sobre ele com ela, porque é isso, e só isso, que ela deve querer que ele sonhe. E como isto tudo o mais.

A passagem do namoro ao casamento implica necessariamente uma outra intimidade entre o homem e a mulher. Todo o discurso que ele produz quando namorado não parece servir apenas como garante das suas boas intenções aos olhos dela, mas delimitar efectivamente o espaço da relação. Esse discurso centra-se no respeito e este não serve apenas como uma aparência. Tal como a mulher de César, a essa relação não basta parecê-lo, é necessário sê-lo. É por isso crível que efectivamente, no dia do seu

aniversário, quando casados, ele tenha feito o que lhe declarou quando ainda namorado:

(...) a esta hora, muito cedo, eu tivesse feito a minha toilette para te ir cumprimentar.

Este é um parâmetro fundador da relação homem-mulher séria. Os projectos de intimidade que essas cartas-expressão reflectem a realidade que deve ser, que se deve querer.

Não há neste modelo qualquer negação do amor. Só que esse amor excluía o prazer. Ao sentimento estava indissociada a função. É ela que define esse discurso do amor. Tal como o casamento, que era o seu objectivo, define um modelo estrito de intimidade física. Esta não tem, por isso, lugar no discurso do amor. O que lhe está associado é o respeito. E a respeitabilidade da mulher é definida pela delimitação do seu espaço de liberdade. Livres são as «Lolas». A reputação é o garante inicial de que essa liberdade não existiu. O discurso da posse, o garante de que esta não existirá.

A não liberdade que se consuma na posse material e contratual do casamento (*«desde esse momento, perante a sociedade, como desde já perante as nossas almas»*) define esse padrão de namoro como o espaço de apropriação de uma relação específica homem-mulher. A liberdade, por pertencer ao inverso desse modelo, implicará, se ela a manifestar, a sua destruição.

A fronteira entre essas duas funções de mulher é masculinamente gerida e, como tal, o ciúme do homem e o da mulher têm significados distintos. Enquanto, para ele, o que está em causa é inquestionavelmente a posse e o estatuto, para ela pode ser também a reivindicação de uma igualdade: exigir-lhe o mesmo que a ela social e conjugalmente se exige — a exclusividade.

Para ele, o espaço do prazer está contido num mundo próprio que é parte integrante da sociedade. Marginal sem dúvida, mas tolerado. Para ela, se não o conseguir no casamento, só lhe resta a procura de uma relação estritamente clandestina. Caso contrário, resvalará imediatamente para o mundo das «Lolas» ou das «tidas e mantidas».

Ter e sustentar uma mulher é um dos exemplos inequívocos dessa diferenciação de papéis atribuídos à mulher. Não eram mulheres para se casar, mas para se ter prazer. Nem por elas se desfaziam casamentos. À mulher «séria» só resta o amante se quiser procurar prazer fora do casamento. Quando descoberta, perde honra e dignidade, porque é isso que o marido lhe confere em troca da sua liberdade. E este percurso não pode ter desvios. Ela teve de ser uma menina «séria», logo, só ter aceite rituais de galanteria para meninas «sérias», mas de preferência não ter tido nenhum namoro, para poder ser uma mulher «séria». O casamento é, neste contexto, a celebração social de um estado de graça.

A mulher desempenha dois papéis distintos. Um durante o namoro, outro durante o casamento. No namoro é o seu olhar que decide, que incentiva ou não o homem aos sucessivos passos do galanteio. Ele exhibe-se a seus pés na rua, de longe, no passeio, ou no camarote. É ela que decide responder ou não às suas cartas. Ela que joga com o amor dele, avançando ou recuando, mostrando-se, mas não respondendo, impondo uma persistência que lhe serve porventura como garante de seriedade de intenções, tal como o seu jogo deve ter para ele o mesmo significado. Uma mulher «séria» não é «fácil» e vice-versa.

Nesta fase, ela domina a relação porque é a detentora do sim. Ele submete-se a esse poder e todo o ritual de namoro é preenchido por uma gestualidade e um discurso em que o homem tudo faz para a conquistar. Mas, consolidado o aceitação, iniciado o envolvimento familiar, necessário à seriedade de intenções, inicia-se uma outra fase em que se alteram os papéis.

Ela entrega-lhe deslizando a condução da relação. Ele apropria-se dela, exigindo-lhe o abandono de tudo o que possa fugir ao que será fundador da relação quando casados. Celebrado o casamento, é ele agora que a dirige, a ela cabe apenas cumprir o que é para eles a função do amor: «a família que o consagra.» Ela assume por isso a função de mãe. Todo o outro relacionamento homem-mulher é excluído.

Exceções a regras e estilizadas em paradigmas são coisas que a história vai tratando a golpes de caneta. As exceções anatematiza-as perante a regra que constitui um modelo interpretativo de uma época. Ou, pelo contrário, exacerba-as como sinais de coisas idas ou por despontar. As regras podem-se de detalhes que só podem dar origem a frases intercalares confusas, isto é, são reduzidas ao seu absurdo: ao modelo. Quando devidamente formuladas, tornam-se história: foi *assim* que aconteceu. Mas, porque são formulações teóricas, também nunca foi *assim* que aconteceram.

Isto é, este namoro Celeste-Jaime inscreveu-se dentro de um padrão que procurámos definir. A arqueologia exercida sobre os seus vestígios permite formulá-lo dessa maneira. Todavia, não posso deixar de perguntar se esse homem e essa mulher, sendo regra, não foram também a exceção que ela comporta. E se terão, assim, vivido como marido e mulher, amado como homem e mulher. Se terão sido reciprocamente fiéis, porque se esgotaram na complementaridade de funções que podiam em conjunto consumir. E se as lágrimas que ele chorou ao reler essas cartas, trinta anos depois de ela ter morrido, foram as da saudade da companheira, da mulher e da amante que ele sessenta anos atrás queria que ela fosse.